

Conceição Evaristo

OLHOS D'ÁGUA



1ª edição
20ª reimpressão
Rio de Janeiro
2023



Sumário

Prefácio,	9
Introdução,	13
Olhos d'água,	15
Ana Davenga,	21
Duzu-Querença,	31
Maria,	39
Quantos filhos Natalina teve?,	43
Beijo na face,	51
Luamanda,	59
O <i>cooper</i> de Cida,	65
Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos,	71
Di lixão,	77
Lumbiá,	81
Os amores de Kimbá,	87
Ei, Ardoca,	95
A gente combinamos de não morrer,	99
Ayoluwa, a alegria de nosso povo,	111

PREFÁCIO

“Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro.”

As palavras acima, de uma personagem do conto “A Gente combinamos de não morrer”, constituem contundente epígrafe para um comentário sobre *Olhos d’água*, esta nova coleção de contos de Conceição Evaristo. Trata-se de frase-chave que enfeixa o turbilhão de questões sociais e existenciais recorrentes na escrita da autora, a presidir sua construção ficcional e a reiterar sua unidade temática.

Como antes em sua obra ficcional, poética, ensaística, Conceição ajusta o foco de seu interesse na população afro-brasileira abordando, sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana que a acometem: “Ultimamente na favela tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora”, lemos em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”.

Sem sentimentalismos facilitadores, mas sempre incorporando a tessitura poética à ficção, os contos de Concei-

ção Evaristo apresentam uma significativa galeria de mulheres — Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaíta. Ou serão todas a mesma mulher, captada e recriada no caleidoscópio da literatura, em variados instantâneos da vida? Diferem elas em idade e em conjunturas de experiências, mas compartilham da mesma vida de ferro, equilibrando-se na “frágil vara” que, lemos no conto “O *cooper* de Cida”, é a “corda bamba do tempo”.

Na verdade, essa mulher de muitas faces é emblemática de milhões de brasileiras na sociedade de exclusões que é a nossa. Frágil vara, corda bamba, fios de ferro, ferro de passar, a dança das metáforas as enlaça e reconstrói a vida de pessoas despossuídas a qual expressa, apesar de tudo, uma vitalidade própria que o texto de Conceição insiste em celebrar: “Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor!”, sintetiza “Ana Davenga”. Os contos, assim, equilibram-se entre a afirmação e a negação, entre a denúncia e a celebração da vida, entre o nascimento e a morte: “Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte.” (“Quantos filhos Natalina teve?”).

No livro estão presentes mães, muitas mães. E também filhas, avós, amantes, homens e mulheres — todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira.

A abrangência de tal problemática ultrapassa, decerto, o mundo negro, assim como transcende o dia de hoje. Os contos, sempre fincados no fugidio presente, abarcam o passado e interrogam o futuro. Sintomaticamente, são muitos e diversos os velhos e as crianças que os habitam. O passado é inevitavelmente implacável, o futuro, em geral, duvidoso, certas vezes inexoravelmente negado. É o caso, por exem-

plo, do pivete Lumbiá, ou do menino Lixão, nos contos que levam os seus nomes: “E [Lixão] foi se encolhendo, se enroscando até ganhar a posição de feto.” A força simbólica de tal regressão física e emocional é de uma síntese irreparável.

Em seu percurso, o livro, além do mundo de mulheres e de meninos, incorpora homens como protagonistas (Quimbá, Ardoca), cuja perspectiva, ocasionalmente, passa a comandar a narração. Ouso dizer que o fluxo narrativo atinge o seu clímax no já citado “A gente combinamos de não morrer” em que, pela primeira vez, diversos narradores encaminham a ação. Fragmenta-se uma univocidade feminina, por mais dispersa e múltipla que esta já fosse. A par disso, constata-se, num crescendo, um estilhaçar ficcional que o texto assume ao reduplicar a precariedade de seus personagens, para quem “às vezes a morte é leve como a poeira. E a vida se confunde com um pó branco qualquer”. O conto implode a sua própria técnica narrativa. Em um verdadeiro avesso de apoteose, o texto ficcional, paradigmático da sociedade, também se pulveriza: “Alguém cantou a pedra e o segredo foi rompido. A desgraça vaza dos poros da terra. O mundo explode. Seres de mil mãos agarram tudo. Nada escapa.” Atenção, leitor. É com você, é conosco, é com todos, que aqui se fala.

Mas a positividade textual prevalece, apesar de tudo. Uma positividade em que escrever é, certamente, “uma maneira de sangrar”; mas também de invocar e evocar vidas costuradas “com fios de ferro” — porém aqui preservadas com a persistente costura dos fios da ficção, em que também se almeja e se combina, incansavelmente, não decerto a imortalidade, mas a tenaz vitória humana, a cada geração, sobre a morte.

Heloisa Toller Gomes